

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



Outra revista nova é a *Luso-Brazilian Review*, editada pelos Professores Alberto Machado da Rosa e Wilson Martins, e publicada pela Imprensa da Universidade de Wisconsin. Embora não tenha para os classicistas o mesmo interesse da anterior, será com expectativa e interessada curiosidade que seguiremos a sua carreira.

A. C. R.

AINDA O BIMILENÁRIO OVIDIANO

Em *Bracara Augusta* (1), valiosa revista cultural da Câmara Municipal de Braga, no vol. XX (1966), pp. 135-146, publica o Doutor Victor Buescu o texto da sua conferência nos Paços do Concelho da capital minhota, em 14 de Maio de 1966, que intitulou de «Ovídio, primeiro poeta romeno». Logo a abrir escreve: «Que eu saiba, o recente bimilenário do nascimento de Ovídio não foi condignamente celebrado em Portugal, nem o país esteve representado no Congresso internacional realizado há oito anos em Sulmona, no qual tive a honra de participar».

Ora, há aqui duas omissões. Com efeito, a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos promoveu em 28 de Fevereiro de 1958, três meses antes do congresso de Sulmona, uma conferência do Professor N. I. Herescu, antigo catedrático da Universidade de Bucareste, sobre «Le testament d'Ovide». Essa conferência foi incluída em *Ovidiana. Recherches sur Ovide* (Paris, Belles-Lettres, 1958), colectânea em que colaboraram cerca de quarenta autores de diversos países. Aí, na página 420, em nota, se menciona expressamente que o artigo «Le testament d'Ovide» foi matéria de uma conferência na sede da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em Coimbra.

Por outro lado, ao Congresso Internacional de Estudos Ovidianos (Sulmona 20 a 24 de Maio de 1958) assistiu o Doutor Walter de Sousa

(1) É curioso notar que o vol. XX desta revista, no tomo correspondente a Janeiro-Junho de 1966, contém mais três artigos de interesse greco-latino : José Geraldês Freire, «Os Estudos Clássicos e a Santa Sé»; J. J. Rigaud de Sousa, «Inventário de materiais para a Arqueologia Bracarense» (incluindo lucernas da época romana); e Américo da Costa Ramalho, «D. Diogo de Sousa e o Introdutor do Humanismo em Portugal».

Medeiros, da Faculdade de Letras de Coimbra e bolseiro do Instituto de Alta Cultura, em Itália.

Destes dois acontecimentos, e ainda do livro *Ovidiana*, ficou registado pormenorizado em *Humanitas* IX-X (Coimbra, 1957-58), nas páginas 193-194, 213-215 e 220-222. Portanto, o Bimilenário do Nascimento de Ovídio não foi ignorado nem esquecido em Portugal, embora pudesse ter sido mais celebrado do que foi.

A. C. R.

A SANTA SÉ E O LATIM

A missa em vernáculo veio criar no público leitor dos jornais portugueses, tão avessos (1) ao latim, a impressão de que finalmente estava morta a língua de Roma, agora que a Igreja Católica a abandonava no mais frequentado dos seus serviços religiosos.

A minoria conhecedora do latim sentiu que alguma coisa se perdera da solenidade da liturgia, com a tradução desta em vulgar. E não apenas isto, mas própria universalidade do culto, de que a língua latina era veículo.

Quem escreve estas linhas, assistiu nos últimos três anos à missa em diversos pontos da Espanha, França, Itália, Alemanha e dos Estados Unidos da América. E embora não seja de todo ignorante das línguas que se falam nestes países, sentiu-se em parte estranho às cerimónias em curso.

Em contraste com esta situação, pôde verificar em 20 de Setembro de 1964, no santuário de Lourdes, a diferença entre a confusão babélica das línguas e dialectos modernos e o nobre ecumenismo do latim. Nessa noite, uma grande peregrinação flamenga dominava as cerimónias no exterior da basílica, com os altifalantes por sua conta. Milhares de peregrinos de outras origens mantinham-se numa atitude recolhida, rezando para si, como espectadores somente.

Em certa altura, através da instalação sonora, ouviu-se o pedido, em francês, de todos se juntarem na entoação do Credo (impresso nos copos das velas iluminadas) e do Pai Nosso, ambos cantados em latim. Deu-se então a metamorfose e o Santuário de Lourdes ganhou vida

(1) Cf. *Humanitas*, XV-XVI (Coimbra, 1963-4), pp. 433-34.